

**MODELAGEM COM ALUNOS SURDOS:
MÃOS QUE FAZEM, MÃOS QUE FALAM**

Cristiane Figueredo

Acadêmica do Curso de Design, UFSC

Marilia Matos Gonçalves

Professora do Departamento de Expressão Gráfica, UFSC

Josiane Wanderlinde Vieira

Professora do Departamento de Expressão Gráfica, UFSC (coordenadora)

wvieira@cce.ufsc.br

Resumo

Este artigo tem por objetivo descrever as atividades desenvolvidas durante o projeto de extensão da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), intitulado “Modelagem para Alunos Surdos”, realizado no período de julho a dezembro de 2006. O projeto tem o apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão da UFSC (PRPE-UFSC), e foi executado com o intento de realizar oficinas gratuitas para alunos surdos de diversas instituições da região da grande Florianópolis (SC), abordando técnicas de modelagem (em papel e argila), a fim de instigar e desenvolver a criatividade, habilidade manual e a concentração dos alunos. Além disso, procurou-se também explorar estas atividades como uma forma de recreação e ainda de possibilitar uma nova fonte de renda para os alunos.

Palavras-chave: Modelagem. Alunos surdos. Extensão universitária.

**MODELING WITH DEAF STUDENTS:
HANDS THAT MAKE, HANDS THAT SPEAK**

Abstract

This article aims to describe the activities developed during the extension project of the *Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)*, entitled "Modeling for Deaf Students", carried out from July to December 2006. The project has the support of *Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão da UFSC (PRPE-UFSC)* and was executed with the intent to conduct free workshops for deaf students from various institutions of the region of Florianópolis (SC), covering techniques of modeling (on paper and clay) to instigate and develop the creativity,



Este documento possui uma licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

Atribuição: esta obra não pode ser usada para fins comerciais; ao citar direta ou indiretamente este conteúdo, deve-se dar crédito ao autor original; e a obra derivada desta deve ser distribuída sob uma licença idêntica a esta.

manual skills and concentration of the students. Moreover, it was also sought explore these activities as a form of recreation and also of providing a new source of income for the students.

Keywords: Modeling. Deaf students. University extension.

Introdução

A função da Universidade vai além de formar indivíduos, sua função é também participar junto à comunidade e romper as fronteiras das limitações do acesso ao conhecimento, funcionando como um agente divulgador através de seu corpo docente e discente. Este contato entre universidade e comunidade acontece de várias maneiras, entre elas estão os projetos de extensão universitária, os quais proporcionam aos alunos e professores o desenvolvimento de trabalhos que estimulam a comunidade e proporcionam uma troca de saberes, onde tanto a comunidade quanto os universitários interagem sempre na busca de novos conhecimentos e da inclusão social. Entretanto não é tão simples fazer este trabalho, pois é necessária uma preparação como cita Cafardo:

[...] se pretendemos fazer a inclusão, é preciso um plano para preparar a escola. Caso contrário, coloca-se a criança lá na escola e acaba acontecendo a exclusão na inclusão”, diz o diretor da Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação - Alfredo Tabith, que acredita que ainda é difícil trabalhar com alunos surdos, por exemplo. (CAFARDO, 2003, p. 02).

O projeto de extensão intitulado “Modelagem para alunos surdos” visou levar oficinas de modelagem em papel e em argila à comunidade surda da grande Florianópolis, uma vez que algumas dessas técnicas são praticadas pelos alunos do curso de Design Gráfico da UFSC, na disciplina EGR 5170 – Modelagem I. O projeto contou com a participação de duas professoras, sendo uma delas a coordenadora e a outra, colaboradora. O interesse em levar estas atividades à comunidade é instigar a criatividade e a habilidade manual, além de proporcionar momentos recreativos e de interação com ouvintes e outros surdos, pois estes indivíduos sofrem preconceito da sociedade ouvinte e, muitas vezes, isolam-se dentro de casa.

O projeto foi apresentado para a Associação de Surdos da Grande Florianópolis (ASGF), quando esta solicitou a oficina de modelagem em argila, decidiu-se trabalhar peças artesanais que pudessem gerar uma fonte de renda para a entidade e para os alunos. A ideia da confecção de peças artesanais para serem comercializadas por eles deve-se não só à comercialização em si, mas também à conscientização da sociedade em geral sobre o importante uso das mãos para outras atividades, além da comunicação dos surdos feita através

da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). As peças escolhidas foram bijuterias na forma de pingentes e brincos em cerâmica, explorando sempre materiais naturais, optando-se por trabalhar em tons de terra, como apresentado na Figura 1.



Figura 1 - Peças criadas nas oficinas
Fonte: Projeto Modelagem para Alunos Surdos

A cada oficina, observava-se um aumento no interesse dos alunos surdos em modelar com suas próprias mãos as peças que lhes poderiam trazer uma renda. A ideia da venda dessas peças surgiu pela dificuldade que os surdos têm de conseguir um lugar no mercado de trabalho, ou seja, ao invés de venderem produtos industrializados como canetas e adesivos, passariam a vender produtos confeccionados por suas próprias mãos, expondo sua cultura e sendo viabilizados pelo projeto, resultando também em lucros para a ASGF. Estes produtos serviriam, ainda, como veículos de divulgação da língua materna dos surdos, a LIBRAS.

A Figura 2 mostra o trabalho sendo realizado na ASGF.



Figura 2 – Registro de momentos nas oficinas.
Fonte: Projeto Modelagem para Alunos Surdos

Na aquisição e apreensão do conhecimento por alunos surdos, deve-se considerar, primordialmente, o canal do qual este público específico utiliza. Os surdos apresentam características próprias que os distinguem dos demais estudantes, eles captam o conhecimento através do canal viso-espacial (**Figura 3**). No sistema de ensino para surdos, acredita-se que se deva explorar a percepção, a visão, o olfato e o tato, pois estes são canais de transmissão da língua para eles. (SOUZA, 1998; SILVA, 2001; SACKS, 1998). Como cita Quadros (2003), conseguimos fazer várias coisas sem utilizar o canal auditivo, mas sim utilizando a visão. Podemos Brincar, podemos ler, sentir, perceber o mundo, aprender, ensinar através do visual que organiza todos os olhares de forma não auditiva.



Figura 3 – Comunicação viso-espacial entre participantes das oficinas.
Fonte: Projeto Modelagem para Alunos Surdos

Material e Métodos

Com o início da idealização do projeto, houve uma visita de alguns de seus ministrantes a um ateliê de artes plásticas em que se trabalhava com cerâmica, com o intuito de aprimorar técnicas; posteriormente ocorreu a visita à ASGF para divulgar as oficinas, instituição esta que solicitou de imediato a execução do projeto.

Partindo-se do princípio que os surdos captam o conhecimento através do canal viso-espacial, as técnicas teriam que ser apresentadas a eles através da demonstração, ou seja, as peças seriam confeccionadas pelas ministrantes e observadas diretamente pelos participantes. Em seguida, os alunos partiriam para a prática da modelagem, sempre com acompanhamento e, quando necessário, com orientação.

Após o período de idealização do projeto, divulgação e acordo com a ASGF as oficinas passaram a ser ministradas em um espaço disponibilizado na sede da ASGF, no período de agosto a novembro de 2006.

Durante a realização das oficinas, foram abordadas diferentes técnicas de trabalho com argila e desenvolvidas peças de bijuteria que os alunos demonstravam interesse em produzir. Primeiramente, foi esclarecido aos participantes o processo de confecção, acabamento, secagem, queima e pintura das peças. Então, logo que foram definidas as peças a serem produzidas, iniciaram-se os testes de queima, pintura e outros acabamentos. Dentre os materiais utilizados, destacam-se: argila, moldes feitos em Etil Vinil Acetato (EVA), estecas, tinta guache, esmaltes cerâmicos, verniz, contas de madeira, contas de coco e cordões. A **Figura 4** ilustra a confecção de uma peça cerâmica.



Figura 4 – Confecção de peças cerâmicas.
Fonte: Projeto Modelagem para Alunos Surdos

De acordo com o documento final do I Seminário Nacional: Surdos, Um Olhar Sobre As Práticas Em Educação (2001), os professores/educadores que atuam no ensino de artes para alunos surdos devem:

- considerar referências de iniciação a arte surda, priorizando a arte visualmente expressiva e representativa criada pelos artistas surdos como de fotos, vídeos, pinturas, esculturas, teatro;
- ver a arte surda como forma de significação que produz certas características determinantes e as construções históricas e culturais;
- considerar que os olhos, as mãos, a expressão corporal e facial são sinais referenciais para os surdos;

-considerar necessária a arte e expressão surda para que o aluno surdo possa desenvolver sua criatividade e não se envergonhar ou esconder a sua arte;

-reconhecer que alguns surdos têm dons muito próprios para a arte de expressão corporal e ela deve ser incentivada pela família, escola ou associação de surdos a fim de que sejam promovidas exposições ou apresentações artísticas.

Ainda sobre educação, é importante dizer que GÓES e SMOLKA (1995) concordam com as formulações de Vygotsky, que afirma que o processo de conhecimento é concebido como produção simbólica e material que tem lugar na dinâmica interativa. Sob este ponto de vista, percebe-se que é através de outros indivíduos que o ser humano alcança o conhecimento. Sua formação dependerá da interação com o meio. Seu desenvolvimento faz o ser humano diferente dos demais (composição individual), porém compartilhando experiências com estes (relacionamento social).

Resultados e Análise

Pretendia-se trabalhar com mais de uma instituição, entretanto, como a ASGF foi a primeira instituição a solicitar as oficinas do projeto, acabou-se optando por trabalhar apenas lá, mas com um enfoque maior.

No início, foi oferecida uma aula por semana, mas logo julgou-se necessário ministrar duas aulas semanais. Assim, foram trabalhadas oficinas básicas e avançadas, desde a simples modelagem e corte da argila até o acabamento final das peças após a queima.

Tinha-se como objetivo inicial trabalhar apenas com tons terra na pintura das peças de bijuteria, mas os participantes começaram a colorir as peças com várias cores. No início, julgou-se não ser essa uma boa ideia, mas com o passar do tempo, pôde-se ver bons resultados, pois as peças ficaram mais alegres e irreverentes. Aos poucos, eles demonstravam, nas peças, perfis do seu jeito de viver; o uso das diversas cores ao retratar uma ideia foi constante.

O projeto teve seus resultados prejudicados devido às mudanças administrativas no Departamento de Projetos de Extensão da UFSC (DPE/UFSC), como por exemplo, modificações quanto à forma de adquirir os materiais para os projetos de extensão. Como consequência, não houve a compra dos materiais solicitados com a verba inicialmente aprovada, dificultando o andamento do projeto junto à comunidade. Mesmo com essas dificuldades, conseguiu-se aplicá-lo e obteve-se bons resultados.

Do ponto de vista educacional, ofereceram-se técnicas que foram além da recreação. O emprego da modelagem em argila resultou não só em grande satisfação e alegria, mas também influenciou as funções mentais daqueles que as utilizaram. Dessa forma, conseguiu-se com o trabalho feito nas oficinas que os participantes desenvolvessem concentração, despertassem o interesse por reproduzir as peças e, especialmente importante, repassassem adiante o conhecimento adquirido.

Durante o período de trabalho na ASGF, os alunos que participaram das oficinas repassaram seus conhecimentos para outros surdos em outros horários. Após o término dos trabalhos na ASGF, a presidente da instituição comunicou que os trabalhos de modelagem para a confecção das peças de bijuterias iriam continuar, mesmo no período de férias, quando, segundo ela, a associação é muito frequentada devido ao recesso escolar.

Uma das atividades também resultante deste projeto foi a realização de uma oficina de origamis que foi ministrada na Semana Acadêmica de Design, organizada pelo Centro Acadêmico de Design - UFSC, entre 27 e 29 de novembro de 2006. Foram dois dias de oficina em que foram ensinadas técnicas de origami e acabamentos para realização de móveis. Foi uma turma de 10 alunos que trabalharam em busca de bons resultados, consequência de muita motivação e interesse durante a oficina.

Considerações Finais

Apesar de não ter sido possível o atendimento de outras instituições, o trabalho na ASGF foi positivo. O enfoque em um único local proporcionou um trabalho melhor com um rendimento efetivo bem maior e gratificante.

O fato de indicar uma nova fonte de geração de renda para esses alunos, em sua maioria com idade de inserção no mercado de trabalho, não foi o único ponto positivo. O projeto também colaborou com a inclusão destes jovens estudantes na comunidade e melhorou a qualidade de vida dessas pessoas tão discriminadas pela sociedade. Além disso, o projeto proporcionou para a associação uma relevância social muito positiva, proporcionando a inclusão social e a geração de renda.

Ao final deste projeto, teve-se a intenção de renová-lo com um enfoque maior para a ASGF, tendo em vista a possível criação de uma cooperativa, já que houve bastante interesse dos participantes. Com a possível criação desta cooperativa, o projeto pretende estender-se na criação de uma marca e de uma identidade visual com suas aplicações, além de uma

embalagem personalizada para os produtos e continuar a orientação para que a produção continue sendo realizada com qualidade.

Além do trabalho realizado na Associação de Surdos da Grande Florianópolis, com seus resultados positivos, o projeto gerou momentos prazerosos e grandes amizades. A associação recebeu o projeto com muito carinho e recebeu o trabalho proposto com muita seriedade e responsabilidade, o que faz gerar forças para que se continuem iniciativas como esta, muito positiva para a verdadeira inclusão social na prática da cidadania dos surdos.

Referências

CAFARDO, Renata. Cresce a inclusão de alunos especiais em escolas regulares. **O Estado**, São Paulo. Disponível em: <www.estado.com.br> Acesso em: 03 set. 2003.

GÓES, Maria C. R. de; SMOLKA, Ana L. B. A; et all. **Linguagem e o Outro no espaço escolar** – Vygotsky e a construção do conhecimento. Editora Papirus - 4ª Edição. Campinas, SP, 1995.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de surdos**: efeitos de modalidade e práticas pedagógicas. 2003. Disponível em: <http://www.ronice.ced.ufsc.br/publicacoes/edu_surdos.pdf> Acesso em: 03 dez. 2006.

SACKS, Oliver; **Vendo Vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. Tradução Laura Teixeira Motta. Companhia das Letras. ISBN 8571617798. São Paulo, 1998.

SILVA, Vilmar. **A luta dos surdos pelo direito à educação e ao trabalho**: relato de uma vivência político-pedagógica na Escola Técnica Federal de Santa Catarina. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis – SC, 2001.

SOUZA, Regina M. de. Língua de sinais e língua majoritária como produto de trabalho discursivo. **Cad. CEDES**, v.19, n.46, 8 p. ISSN 0101-3262. Campinas, SP. Setembro, 1998.

SEMINÁRIO NACIONAL: SURDOS UM OLHAR SOBRE AS PRATICAS EM EDUCAÇÃO. 1., 2001, Caxias do Sul. Documento final. Rio de Janeiro: **FENEIS**, 2001. Disponível em: <<http://www.feneis.com.br/arquivos/Escrita%20da%20Llingua%20de%20Sinais%20-%20I%20SEMIN%20C3%81RIO%20NACIONAL.doc>>. Acesso em: 04 dez. 2006.